

NUNCA SUBESTIME UMA MULHERZINHA.

Camila Augusta Valcanover
Mestranda (UFPR)

RESUMO: O presente artigo pretende mostrar a importância das personagens femininas em romances do escritor Eça de Queirós. Enquanto a crítica valoriza o universo masculino e o adultério feminino, tentaremos mostrar que as mulheres são as forças que movem as narrativas. Muito mais que figuras acessórias, a presença feminina permite que a narrativa aconteça com verossimilhança. Estudiosos afirmam que Capitu, personagem de Machado de Assis, jamais seria uma personagem queirosiana. Quais as diferenças entre a Capitu, de Machado de Assis, e as personagens do escritor Eça de Queirós?

PALAVRAS-CHAVE: Eça de Queirós; O Primo Basílio; Os Maias; Dom Casmurro; Personagens femininas.

ABSTRACT: This article you want to show the importance of female characters in novels of Portuguese writer Eça de Queirós. While the criticism prize the male universe and female adultery, will try to show that women are the forces that move the narratives. Much more than incidental figures, the female presence allows the narrative goes likelihood. Scholars say that, Capitu would never be a queirosian character. What are the differences between Capitu and the Eça de Queirós'female character?

KEYWORDS: Eça de Queirós; O Primo Basílio; Os Maias; Dom Casmurro; Female character.

Estudos recentes como os desenvolvidos por Monica Figueiredo, apontam para a importância que é dada às personagens femininas na obra do escritor português Eça de Queirós. No artigo “E/ç/as Mulheres; um estudo da presença feminina na narrativa de Eça de Queirós”, Monica Figueiredo afirma: “As mulheres de papel criadas por Eça são, em verdade, um testemunho cruel da incompetência masculina, prerrogativa audaciosa para uma obra produzida num século falocêntrico.” (FIGUEIREDO, 2006, p. 287). Muito mais que representantes de seu tempo histórico, as personagens femininas da obra de Eça de Queirós ocupam papel fundamental, pois cada enredo depende da existência delas; sua presença confere verossimilhança à narrativa.

Para ilustrarmos o quão importante a crítica considerava as personagens masculinas, citemos Carlos Barcellos em: “Homossociabilidade masculina e homoerotismo na ficção de Eça de Queirós”, onde o autor aponta para a importância, quase máxima, das personagens masculinas na obra queirosiana:

Ao estudar Eça de Queirós, buscamos pensar a homossexualidade e a heterossexualidade como aspectos subsidiários, complementares e

constitutivos da identidade masculina, que esta sim, é o centro das preocupações de nosso autor (BARCELLOS, 2001, p. 133).

O contraponto a essa idéia de Barcellos é retirado do próprio Eça em: “As meninas da geração nova em Lisboa e a educação contemporânea”, ensaio elaborado em março de 1872, temos: “A valia de uma geração depende da educação que recebeu das mães”. (QUEIRÓS, 1965, p. 45). Colocando afirmação de Eça de Queirós como prumo para esse artigo, vejamos como a importância da presença feminina aplica-se nos romances **Os Maias** e **O Primo Basílio**.

Em **Os Maias**, Pedro da Maia é criado cheio de cuidados pela mãe:

Às vezes, Afonso, indignado, vinha ao quarto, interrompia a doutrina, agarrava a mão de Pedrinho - para o levar, correr com ele sob as árvores do Tamisa, dissipar-lhe na grande luz do rio o pesadume crasso da cartilha. Mas a mãe acudia de dentro, em terror, a abafá-lo numa grande manta: depois lá fora o menino, acostumado ao colo das criadas e aos recantos estofados, tinha medo do vento e das árvores; e pouco a pouco, num passo desconsolado, os dois iam pisando em silêncio as folhas secas - o filho todo acovardado das sombras do bosque vivo, o pai vergando os ombros, pensativo, triste daquela fraqueza do filho... (QUEIRÓS, 1961, p. 17, V.1).

Após a morte da mãe, Pedro da Maia apresenta episódios de depressão, conforme declara o narrador:

Tomara birra ao Padre Vasques, mas não ousava desobedecer-lhe. Era em tudo um fraco; e esse abatimento contínuo de todo o seu ser resolvia-se a espaços em crises de melancolia negra, que o traziam dias e dias mudo, murcho, amarelo, com as olheiras fundas e já velho. O seu único sentimento vivo, intenso, até aí, fora a paixão pela mãe. (QUEIRÓS, 1961, p. 20, V.1)

Logo após, novamente o narrador denuncia: “Afonso da Maia já se desesperava de ver aquele rapaz, seu filho e seu herdeiro, sair todos os dias a passos de monge, lúgubre no seu luto pesado, para ir visitar a sepultura da mãe...” (QUEIRÓS, 1961, p. 21, V. 1). O final trágico de Pedro da Maia é apontado no início da narrativa quando o narrador desvenda os sentimentos de Afonso da Maia: “cada vez amava mais o que é pobre e o que é fraco”. (QUEIRÓS, 1961, p. 10, V.1).

Ainda em **Os Maias**, temos as figuras de Carlos Eduardo e Maria Eduarda para ilustrar a presença/ausência materna. Carlos, criado pelo avô, usando uma expressão consagrada no conto **José Matias**, de Eça de Queirós, Carlos é um “ocioso amável”. Cursa a faculdade de Medicina, quer ser médico, pesquisador,

escritor, editor de revistas, só consegue concretamente, ser amante de sua irmã e fugir, tal como o pai: fraco e pobre de espírito.

Maria Eduarda teve durante muito tempo a presença da mãe a seu lado, mas desvencilhou-se, viveu, conviveu com um homem por conveniência e durante toda sua trajetória não foi fraca nem pobre de espírito.

E o que dizemos das personagens femininas de **O Primo Basílio**?

Em “História da vida privada”, no capítulo escrito por Michelle Perrot (Figuras e Papéis), a autora aponta as funções exercidas pelas mulheres, fala sobre criados, vizinhos, maridos... Um universo queirosiano. Perrot declara:

Mesmo num espaço inteiramente dominado, as mulheres encontram compensações que favorecem o consentimento: uma relativa proteção, uma menor inculpabilidade, o luxo ostensivo das burguesas incumbidas das aparências - o que não deixa de ter seus encantos -, e no final das contas uma maior longevidade. (PERROT, s/d, p. 138).

Relativa proteção, menor inculpabilidade, luxo ostensivo, maior longevidade, não é o que Luísa Britto, Maria Monforte, Maria Eduarda, Leopoldina, Juliana e buscam?

Em **O Primo Basílio** a criadagem é a força motriz. A criada Juliana, muito mais que o personagem que nomina a obra, Basílio, é quem dá encantamento e brilho à narrativa:

E cada dia detestava mais Luísa. Quando pela manhã a via arrebicarse com água-de-colônia, mirar-se ao toucador cantarolando, saía do quarto porque lhe vinham venetas de ódio, tinha medo de estourar! Odiava-a pelas *toilettes*, pelo ar alegre, pela roupa branca, pelo homem que ia ver, por todos os seus regalos de senhora. “A cabra!” Quando ela saía ia espreitar, vê-la subir a rua, e fechando a vidraça com um risinho rancoroso:

-Diverte-te, piorrinha, diverte-te que o meu dia há- de chegar!
Oh se
há-de! (QUEIRÓS, 1957, p. 199-200).

O clímax da narrativa dá-se quando após uma discussão Juliana enfrenta Luísa:

- A senhora não me faça sair de mim! A senhora não faça perder a cabeça!- E com a voz estrangulada através dos dentes cerrados: - Olhe que nem todos os papéis foram pro lixo! Luísa recuou, gritou:

- Que diz você?

- Que as cartas que a senhora escreve aos seus amantes, tenho-as eu aqui! - E bateu na algibeira ferozmente. (QUEIRÓS, 1957, p. 241).

Duas mulheres. A presença feminina concedendo movimento à narrativa.

E o que dizer dos personagens masculinos desses romances? Onde estavam?

Apropriando-me da teoria de Roberto Schwarz em **Um mestre na periferia do capitalismo**, obra que trata mais especificamente de **Memórias Póstumas de Brás Cubas** numa análise mais sociológica, Schwarz declara: “Não faltam desejos, que são vivazes, ao passo que inexistente a continuidade de propósitos o que vai bem com a personagem central, e se explica, pois o limite do capricho é o fastio” (SCHWARZ, 1998, p. 64). É claro que não podemos esquecer que Roberto Schwarz está tratando do volúvel Brás Cubas. Emprestemos a teoria de Schwarz.

Pensando em **Os Maias** temos Carlos Eduardo movido pelo fastio, pelo capricho. Ao final da narrativa, quando Carlos é indagado por João da Ega sobre um possível retorno a Portugal, Carlos responde-lhe: “Trouville no verão, alguns tiros às lebres no inverno; e através do ano as mulheres, as corridas, certo interesse pela ciência, o *bric-à-brac*, e uma pouca de blague. Nada mais inofensivo, mais nulo e mais agradável” (QUEIRÓS, 1961, p. 461, v. 2). E Carlos e João da Ega continuam conversando:

- Falhamos a vida, menino!

- Creio que sim... Mas todo o mundo mais ou menos a falha. Isto é, falha-se sempre na realidade aquela vida que se planeou com a imaginação. (QUEIRÓS, 1961, p. 461, v. 2).

O mesmo tom de imobilidade e fastio é visto nas palavras do narrador:

E ambos retardaram o passo, descendo para a rampa de Santos, como se aquele fosse em verdade o caminho da vida, onde eles, certos de só encontrarem ao fim desilusão e poeira, não devessem jamais avançar senão com lentidão e desdém (QUEIRÓS, 1961, p. 464, v.2)

E da mesma forma como encaram os acontecimentos da vida, não se prontificam a correr para pegar o trem e então, declaram: “Com efeito, não vale a pena fazer um esforço, correr com ânsia para coisa alguma” (QUEIRÓS, 1961, p.464, v.2). O fastio de Carlos, a falta de continuidade de seus projetos, o consultório, o laboratório, os livros que seriam escritos, a revista que seria editada, tudo é sintetizado em uma fala da personagem Rosicler, filha de Maria Eduarda: “- Também nunca fazes nada!... Sensaborão! Pois olha, nem te digo adeus!” (QUEIRÓS, 1961, p 327, v.2). Rosicler criança vendo Carlos. Rosicler mulher. Carlos o “sensaborão”! Ou voltando a Schwarz: “Faz parte da volubilidade, como a descrevemos, o consumo acelerado e sumário de posturas, idéias, convicções, maneiras literárias etc., logo abandonadas por outras, e

portanto desqualificadas” (SCHWARZ, 1998, p. 40).

Carlos não dá continuidade em nenhum de seus projetos, inclusive nos seus casos amorosos. Como por exemplo, quando a Condessa de Gouvarinho toma a iniciativa e vai até o consultório de Carlos:

Realmente gostava daquela audácia dela - ter vindo assim ao consultório, toda escondida, quase mascarada numa grande *toilette* negra, inventando um caroço no pescocinho de Charlie, para o ver, para dar um nó brusco e mais apertado naquele leve fio de relações que êle tão negligentemente deixava cair e quebrar. (QUEIRÓS, 1961, p. 255, v.1)

A iniciativa feminina.

A mesma falta de iniciativa será denunciada pelo narrador mediante a falta de clareza nos objetivos e vontades de Carlos para com a condessa de Gouvarinho: “Sim, ela tinha razão... Era uma cobardia, era uma indignidade, continuar ali, *gauchement*, dissimulado na sombra, a balbuciar cousas mesquinhas. Quis ser claro, quis ser forte”. (QUEIRÓS, 1961, p. 121, v. 2). Falta de iniciativa, “cobardia” masculina. Como já disse Drummond no “Poema de sete faces”: “Vai, Carlos ser *gauche* na vida” (DRUMMOND, 2002, p.21). Covardia e falta de iniciativa que Carlos novamente apresentará quando após decidir romper o relacionamento incestuoso com Maria Eduarda, delegará a João da Ega a missão de contar à Maria Eduarda que resolvera partir para Santa Olávia.

Fastio, volubilidade e futilidade, as forças motrizes de Basílio.

Que, verdade, verdade, enquanto estivesse em Lisboa o romance era agradável, muito excitante; porque era muito completo! Havia o adulteriozinho, o incestozinho. Mas aquele episódio agora estragava tudo! Não, realmente, o mais razoável era safar-se! (QUEIRÓS, 1982, p. 261).

A solução que Basílio encontra apoiado pelo Visconde Reinaldo é sair de Lisboa, conforme o telegrama: ‘Venha, graves complicações. Presença absolutamente necessária. Parta já’. (QUEIRÓS, 1982, p. 265). Quando Basílio retorna para Lisboa, após saber da morte de Luísa, segue caminhando e conversando com Reinaldo:

Porque enfim fossem francos: que tinha ela? Não queria dizer mal ‘da pobre que estava naquele horror dos Prazeres’, mas a verdade é que não era uma amante chique: andava em tipóias de praça: usava meias de tear; casara com um reles indivíduo de secretaria; vivia numa casinhola, não possuía relações decentes; jogava naturalmente o quino, e andava por casa de sapatos de ourelo; não tinha espírito, não tinha *toilette*... Que diabo! Era um trambolho!(QUEIRÓS, 1982,

Fastio. Covardia. Conformidade.

Após lembrarmos passagens das obras aqui tratadas, fica cada vez mais claro a discordância sobre o papel periférico que alguns críticos afirmam que as personagens desempenham. Lembrando outra passagem de **O Primo Basílio**, temos Leopoldina, a pão e queijo, a Quebrais, indignando-se com a condição feminina:

-Ah! - exclamou. - Os homens são bem mais felizes que nós! Eu nasci para homem! O que eu faria!

[...]

-Um homem pode fazer tudo! Nada lhe fica mal! Pode viajar, correr

aventuras... Sabes tu, fumava agora um cigarrito... (QUEIRÓS, 1982, p. 168)

O questionamento, a inquietação vinda de uma personagem feminina. No livro **História Crítica da Literatura Portuguesa**, no sexto volume (Realismo e Naturalismo), Maria Aparecida Ribeiro transcreve o ensaio *Realistas e Românticos* de Alexandre da Conceição:

Todo produto literário característico é uma afirmação de convicções, a manifestação de um método. Essas convicções podem ser mais claras e explícitas, mas formam sempre o fundo dessa obra, dão-lhe o ponto de vista, a intenção e até o processo artístico (RIBEIRO, 1993, p. 28).

As convicções, o pano de fundo da obra queirosiana está explícito na carta que Eça escreve a Teófilo Braga em 12/03/1878:

A minha ambição seria pintar a sociedade portuguesa, tal qual a fez a

Constitucionalismo desde 1830 e mostrar-lhe como num espelho que

triste país eles formam - eles e elas. É o meu fim nas Cenas da vida portuguesa. É necessário acutilar o mundo oficial, a mundo sentimental, o mundo literária, o mundo agrícola, o mundo supersticioso - e com todo o respeito pelas instituições que são de origem eterna, destruir as falsas interpretações e falsas realizações, que lhe dá uma sociedade podre. Não lhe parece você que um tal trabalho é justo?(Disponível em [www. Instituto Camões.pt](http://www.InstitutoCamões.pt) - acesso em 23/07/08.

A corrupção dos valores familiares, a família lisboeta falida, uma d'**As Causas da Decadência dos Povos Peninsulares nos últimos três séculos**, conforme discursara Antero de Quental:

Ao luxo desenfreado, ao vício, à corrupção, mal dista um passo. A paixão do jogo estendeu-se terrivelmente: jogava-se nas tavalagens, e jogava-se nos palácios. O ócio, acendendo as imaginações, levava pelo galanteio às intrigas amorosas, às aventuras, ao adultério, e arruinava a família. Lisboa era uma capital de fidalgos ociosos, de plebeus mendigos, e de rufiões. (Disponível em WWW.vidaslusofonas.pt - acesso em 20/07/08)

Retratando a sociedade de Lisboa, Eça de Queirós construiu personagens transgressoras da ordem: Luísa, Juliana, Maria Monforte, Maria Eduarda. Talvez seja na transgressão que essas personagens adquirem força.

Das muitas afirmações e questionamentos que os textos de Monica Figueiredo promovem, ainda penso na afirmação que a estudiosa faz em **E/ç/as mulheres: um estudo da presença feminina na narrativa de Eça de Queirós**: “Luísa não é Ema Bovary, bem como Capitu jamais seria uma personagem queirosiana” (FIGUEIREDO, 2006, p. 282). Após lançar essa contundente afirmação, Monica Figueiredo esclarece: “Acho que a tradição do século XIX português não permitia em larga escala a existência de *emas* ou *capitus*, na verdade, era um século que só permitia *amélias*, *julianas*, *luísas*, *marias* e *gracinhas* [...]” (FIGUEIREDO, 2006, p. 285). Para não correremos o risco de sermos anacrônicos, exigir do tempo histórico de Eça de Queirós aquilo que não era possível, ainda permanece a dúvida: qual a diferença do feminino apresentado por Eça de Queirós em **O Primo Basílio** e por Machado de Assis em **Dom Casmurro** ?

Primeiramente convém lembrar que são duas personagens femininas criadas por homens em narrativas de foco narrativo diferentes: Capitu é inserida no romance por um narrador em primeira pessoa, tendo como filtro a memória de Bentinho/Casmurro; Luísa é apresentada ao leitor em uma narrativa de terceira pessoa, muito mais com a intenção de repreender um fato social e defender a moral e os bons costumes, enquanto que Capitu é trazida para “atar as duas pontas da vida” (ASSIS, 2002, p. 10).

Pensemos em Luísa, Saraiva & Lopes na **História da Literatura Portuguesa**, denunciam-na:

Devido à subalternidade do seu papel, à sua condição social de quase mero objeto de necessidades masculinas (a que a literatura romântica mistificadamente e até perigosamente idealizara) a mulher queirosiana está sempre, como vítima principal, no núcleo patético da intriga. (SARAIVA & LOPES, 2000, p. 945).

Luísa desde o início do romance caracteriza-se por seu relacionamento com a sociedade que a rodeia; sua apresentação corresponde a de uma mulher

sonhadora que fantasia com o mundo romântico e idealizado dos livros que lê. É a busca da realização da sua fantasia que a levará cometer o adultério. No momento em que Luísa aceita Basílio como amante, temos a personagem diante da sua sexualidade. Vejamos como Eça de Queirós, em correspondência a Teófilo Braga descreve Luísa:

- a senhora sentimental, mal-educada, nem espiritual (porque cristianismo já a não tem; sanção moral da justiça, não sabe a que isso é), arrasada de romance, lírica, sobreexcitada no temperamento pela ociosidade e pelo mesmo fim do casamento peninsular que é ordinariamente a luxúria, nervosa pela falta de exercício e disciplin moral, etc., etc.. - enfim a burguesinha da Baixa; por outro lado amante [...]. (Disponível em WWW.institutocamoes.pt - acesso em 23/07/08).

Luísa precisava da oportunidade. A reaparição de Basílio em Lisboa propiciou o caso entre eles. Luísa não apresenta em toda a narrativa, remorso ou culpa, somente um terrível temor físico de Jorge. Nem mesmo vergonha pelo adultério Luísa demonstra. É o pavor, o pânico que o marido descubra que faz com que ceda à chantagem, às humilhações e aos caprichos de Juliana. Luísa além de auto-flagelar-se é vítima social e moral, do cinismo de Basílio e da pobreza e ambição da criada Juliana.

Como as demais personagens queirosianas, Luísa morre sem a casa. Se a sociedade lisboeta queria a mulher retratada com fragilidade, servindo ao lar, marido e filhos, mais uma vez Eça de Queirós transgrediu, transbordou. Luísa reconhece no poder, na força de Juliana (o forte sexo frágil), que a casa nunca lhe pertenceu. Se a literatura portuguesa do século XIX queria uma mulher recatada, recolhida à alcova, Eça de Queirós retratou as mulheres que não pertencem a lugar algum.

Agora, pensemos em Capitu.

Capitu representa a condição feminina, os valores sociais e culturais vigentes no período colonial, porém, no pensamento, Capitu refuta e questiona o papel que a sociedade lhe impõe. A personagem transgressora que Machado de Assis criou transcende a definição de mãe, esposa e até mesmo o esteriótipo da mulher.

Ao contrário de Luísa, Capitu é o retrato de uma mulher emancipada que se mantém ativa e não se submete aos caprichos e devaneios do marido. Outra diferença que notamos entre Luísa e Capitu é em relação a descrição física. Sobre Luísa sabemos de “formas arredondadas”, “colo alvo”, “seu pezinho”, de Capitu temos a descrição dos famosos “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” (ASSIS, 2002, p. 45), os “braços merecem um período” (ASSIS, 2002, p. 158), veste-se como com um “cendal de Camões” (ASSIS, 2002, p. 158). Capitu transpira sensualidade. Luísa contém-se.

Devido ao medo, para Luísa só resta o convento ou a morte. Capitu parte para a Suíça, onde morre sem ter visto Bentinho novamente.

Enquanto o narrador Casmurro é todo constituído de partes moldadas pela mãe, Capitu é um ser completo e complexo. Capitu é tão maior que Bento Santiago que mesmo após sua morte ainda continua ocupando a imaginação de Bento.

Penso que a principal diferença entre Luísa e Capitu é que Luísa revela-se como uma mulher frágil, um objeto nas mãos do seu amante Basílio e nas mãos da criada Juliana. Luísa deixa que Basílio e Juliana determinem o seu destino. Em **Dom Casmurro**, Capitu não se mostra tão frágil e não é tão passiva quanto Luísa. Mesmo Capitu estando inserida na cultura patriarcal vigente no Brasil Imperial, ainda assim ela não se mantém passiva: deve casar, mas escolhe o marido. Em relação ao adultério, e em **Dom Casmurro** é especulação, uma vez que toda memória de Casmurro/ Bentinho é recuperada baseada na ambiguidade, a fim de deixar o leitor na dúvida sobre se ocorreu ou não o adultério. E em **O Primo Basílio**, o adultério além de ser questão de oportunidade é fruto da tentativa de realizar as fantasias que Luísa tem em função de suas leituras e a influência da amiga leviana Leopoldina.

Capitu diante da acusação de Casmurro/Bentinho escolhe como defesa o silêncio em prol de sua dignidade e honra. Luísa sofre uma “afecção cerebral” que a leva ao cemitério dos Prazeres.

Talvez o que tenha incomodado Machado de Assis seja justamente o fato de Eça de Queirós ter criado uma personagem tão submissa e passiva que tenha seu comportamento ilustrado como o comportamento de um títere.

Na célebre crítica que Machado de Assis tecera sobre **O Primo Basílio**, Machado descreve Luísa: “Luísa é um caráter negativo, e no meio da ação ideada pelo autor, é antes um títere do que uma pessoa moral” (ASSIS, 1953, p. 159).

Após essa contundente afirmação, Machado de Assis resume toda a obra queirosiana em poucos parágrafos, e revela o que o desagradou no romance português: “Para que Luísa me atraia e me prenda, é preciso que as tribulações que a afligem venham dela mesma; seja uma rebelde ou uma arrependida; tenha remorsos ou imprecizações; mas, por Deus! Dê-me a sua pessoa moral” (ASSIS, 1953, p. 162).

No volume da obra machadiana organizado pela Jackson Editora, logo após a íntegra da crítica que Machado fez a **O Primo Basílio**, há outra crítica publicada por Machado em **O Cruzeiro**, em 30 de abril de 1878: “Há quinze dias, escrevi nestas colunas uma apreciação crítica do segundo romance do Sr. Eça de Queirós, O primo Basílio, e daí para cá apareceram dois artigos em resposta ao meu, e porventura algum mais em defesa do romance.” (ASSIS, p. 167/168). Nessa crítica Machado retoma o teor da crítica anterior:

Releiam-me; lá verão que, depois de analisar o caráter de Luísa, de mostrar que ela cai sem repulsa nem vontade, que nenhum amor nem ódio a abala, que o adultério é ali uma simples aventura passageira chego à conclusão de que, com tais caracteres como Luísa e Basílio, uma vez separados os dois, e regressando o marido, não há meio de continuar o romance, porque os heróis e a ação não dão mais nada de si, e o êrro de Luísa seria um simples parênteses no período conjugal. (ASSIS,1953,p. 170).

E, novamente, dá luz ao que lhe desagradou no romance queirosiano: “Êsses traços de caráter é que me levaram a dizer, quando a comparei com a Eugênia, de Balzac, que nenhuma semelhança havia entre as duas, porque essa tinha uma forte acentuação moral, e aquela não passava de um *títere* (ASSIS, 1953, p. 172).

Luísa títere, Capitu apesar de todas as restrições que a sociedade patriarcal lhe impusera, manteve-se ativa. Essa é a diferença crucial entre as duas personagens. Agora entendo a afirmação de Monica Figueiredo: Capitu jamais seria uma personagem queirosiana, sobra-lhe atitude. Mas o mesmo Machado de Assis que criticara Eça de Queirós, ao saber de sua morte, escreveu:

Os mesmos que êle haverá ferido, quando exercia a crítica direta e quotidiana, perdoaram-lhe o mal da dor pelo mel da língua, pelas novas graças que lhe deu, pelas tradições velhas que conservou, e mais a fôrça que as uniu umas e outras, como só as une a grande arte. (ASSIS, 1953, p. 258).

“O mel da língua”, talvez seja esse o segredo da narrativa de Eça de Queirós. O mel em lábios, braços e cendal feminino.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Osasco: Novo Século, 2002.

_____. *Obras Completas de Machado de Assis*. Crítica Literária. Rio de Janeiro: Jackson, 1953.

BARCELLOS, José Carlos. Homossociabilidade masculina e homoerotismo na ficção de Eça de Queirós. In: *Os Centenários: Eça, Freyre e Nobre*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001.

FIGUEIREDO, Monica. E/ç/as Mulheres: Um estudo da presença feminina na narrativa de Eça de Queirós. In: *Metamorfozes* número 7, Rio de Janeiro: Editorial Caminho, agosto/2006.

PERROT, Michelle. *História da Vida privada*. Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, s/d.

QUEIRÓS, Eça de. *O Primo Basílio*. Lisboa: Livros do Brasil, 1982.

_____ *Os Maias*. São Paulo: Brasiliense, 1961.

_____ *Uma campanha alegre*: Porto: Lello & irmão, 1965.

RIBEIRO, Maria Aparecida, *História Crítica da literatura portuguesa*. Realismo e naturalismo. Lisboa: Verbo, 1993.

SARAIVA, António José & LOPES, *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2000.

SCHWARZ, Roberto. *Um Mestre na periferia do capitalismo - Machado de Assis* - São Paulo: Duas Cidades, 1998.